



ESPECIAL

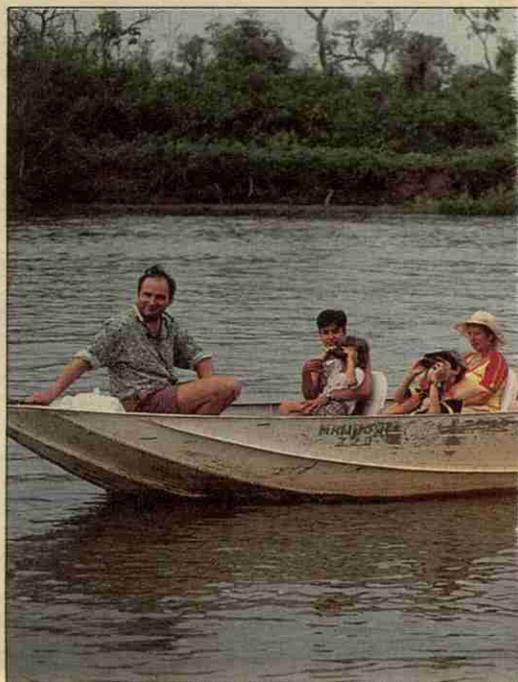
A vida se renova na seca do Pantanal

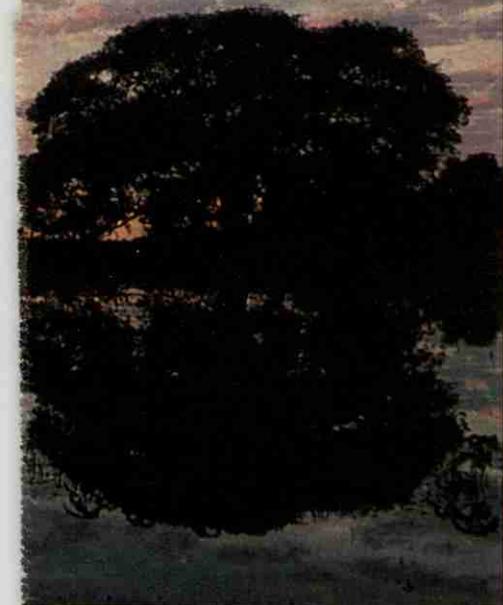
A falta de chuvas concentra a água nas lagoas e define as regras de sobrevivência entre as espécies da região

ERNESTO BERNARDES, de Corumbá

Uma testemunha registra em silêncio, há mais de um século, o ciclo da vida no Pantanal Mato-grossense. É a régua instalada no leito do Rio Paraguai pelo 6º Distrito Naval da Marinha, no município de Ladário, perto da fronteira com a Bolívia. Sempre que ela indica um nível de água superior a 4 metros, toda a região entra em estado de

alerta, porque é indicação de cheia. Quando a linha abaixa, é sinal de seca. No dia 23 de setembro, o nível da água alcançou 2,40 metros, a marca mais baixa dos últimos vinte anos, depois de um período de enchentes sucessivas. Os cientistas que estudam as marés da vida no Pantanal, um dos ecossistemas mais ricos e variados do mundo, têm de repente uma perspectiva





A paisagem pantaneira na seca: ninho de tuiuiús (acima), um bando de capivaras numa lagoa e grupo de turistas estrangeiros no Rio Paraguai

inteiramente diferente do santuário ecológico. Alguns animais ameaçados de extinção, como lontras e ariranhas, passam a sofrer riscos maiores. Peixes, jacarés e sucuris morrem aprisionados em lagoas que secaram. O surpreendente é que com outras espécies ocorre exatamente o oposto. É o caso dos tamanduás, veados-campeiros, lobos guarás e uma infinidade de pássaros que estão conseguindo procriar mais facilmente neste período de seca (veja quadro à pág. 102).

A principal mudança gerada pela seca é a migração em massa da fauna para as lagoas que sobrevivem. Quase toda a cadeia biológica da região se concentra nesses oásis, áreas superpovoadas nas quais o biorritmo da natureza se acelera. Nelas, as espécies se reproduzem com mais facilidade, mas a disputa por alimento também aumenta. Todos os animais ficam mais vulneráveis aos seus predadores naturais. Isso exige dos seres vivos uma grande capacidade de adaptação ao clima. "O Pantanal foi ocupado apenas pelas espécies mais valentes e aventureiras das regiões vizinhas", explica o botânico Arnildo Bott, autor de um catálogo, a ser lançado em forma de livro até o final do ano, sobre as plantas pantaneiras, nas quais se observa um comportamento semelhante. "Certos tipos de semente de leguminosas sobrevivem até vinte anos submersas, esperando uma seca para germinar", afirma Bott. Entre os animais do Pantanal encontram-se alguns recordistas de resistência. O tatu-canastra, um dos beneficiários da seca, é um fóssil vivo com 75 milhões de anos. O jacaré, um animal pré-histórico, com 200 milhões de anos de trajetória sobre a Terra, é uma das espécies com maior capacidade de resistência e adaptação às mudanças climáticas. Mesmo assim, às vezes fica difícil lutar contra o ambiente.

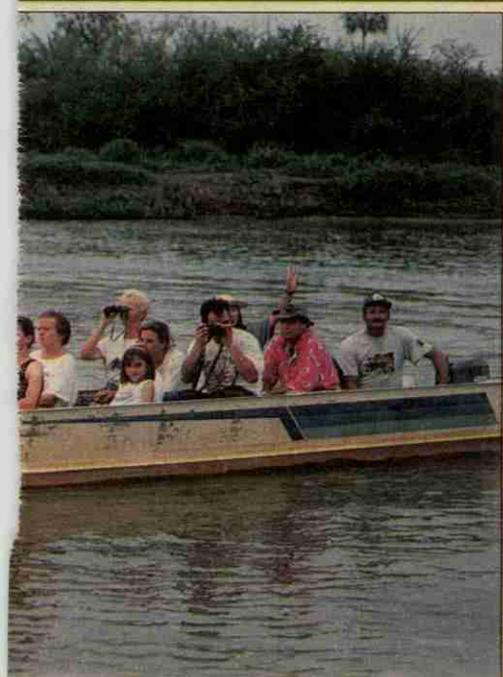
Na semana passada, um lago seco nas

vizinhanças de Corumbá, a maior cidade da região, estava pontilhado de carcaças de jacaré e peixe em meio à lama crestada pelo sol. Os animais morreram estorcidos enquanto tentavam alcançar uma lagoa próxima. Para quem está acostumado às imagens e cores exuberantes das planícies alagadas do Pantanal, cenas como essa podem parecer espantosas. Mas a seca faz parte do ritmo da natureza há milhares de anos e é tão importante no equilíbrio biológico da região

como a própria chuva. "O ciclo das águas é responsável pelo relógio da vida no Pantanal e cada mudança tem conseqüências enormes sobre todos os animais", diz o biólogo Guilherme Mourão, da Embrapa de Corumbá.

MUNDO PRIMITIVO — O Pantanal é um mundo primitivo, habitado por poucos seres humanos, 4 milhões de bovinos e mais de 800 espécies silvestres. A imensa planície de 140 000 quilômetros quadrados é uma das regiões geológicas mais jovens do planeta, formada há milhões de anos pelo mesmo sacolejão na superfície terrestre que fez surgir a Cordilheira dos Andes. O desnível entre uma ponta e outra da região é mínimo, menos de 3 centímetros por quilômetro. Por isso, dois terços dessa área se transformam periodicamente em campos ou lagoas, de acordo com a vazão dos rios vizinhos. Todos os anos ocorre um período de cheia, em abril, seguido de uma temporada de seca, entre setembro e outubro. Além desses ciclos anuais, existem outros maiores, que se alternam em períodos de dez ou vinte anos. É o que está ocorrendo agora. "Pelo jeito, estamos entrando numa fase prolongada de seca, que pode durar até dez anos", afirma a fazendeira Beatriz Rondon, sobrinha-neta do marechal Cândido Rondon e presidente da Sociedade de Defesa do Pantanal, Sodepan.

Mesmo os bichos comuns a outras regiões se comportam de maneira diferente no Pantanal. Dos oito tipos de onça-pintada existentes no continente, a única que não se preocupa em demarcar territórios é a pantaneira. Seria um trabalho inútil, porque a cada mudança de ciclo ela é obrigada a buscar alimento em outras regiões. Também muda de cardápio para aproveitar os pratos da estação. "Nas áreas alagadas, quase 100% da dieta das onças é formada por capivaras. Isso foi comprovado por exames de fezes. Em regiões mais ao norte, de pastagem, as vacas são o prato principal", explica o zoólogo Júlio Dalponte.



MILTON SHIRATA

FOTOS ANTONIO MILEVA

Há outros mecanismos de sobrevivência. “A maioria dos animais, principalmente as aves, migra para regiões úmidas na época seca”, explica o zoólogo. A ema, que não pode voar, desenvolveu um estratagema para proteger a si mesma e a seus ovos das queimadas, frequentes nesta época do ano. Enquanto a fêmea faz o ninho e bota os ovos, o macho corta, a bicadas, o capim ao seu redor, formando um círculo intransponível para o fogo. De forma instintiva, a ave desenvolveu a mesma técnica que os bombeiros usam para deter o fogo nas florestas e capoeiras, o chamado aceiro. A própria vegetação também se defende das queimadas, que na região acontecem independentemente da intervenção humana. A árvore chamada lixeira desenvolveu uma casca mais grossa, que suporta as chamas. Quando tudo vira cinza, ela começa a brotar novamente — por debaixo da terra. O tarumã, uma árvore de beira de rio, aprendeu a conviver com água até 4 metros acima de suas raízes.

“ÁGUA RUIM” — Os peixes, ao contrário do que se imagina, não sofrem apenas com a seca. Também morrem em massa durante a cheia, num fenômeno conhecido entre os pescadores como “água ruim”. Todo ano, durante as primeiras grandes chuvas, uma vasta área de pastagens é alagada. As plantas submersas entram em decomposição e uma quantidade anormal de material orgânico fica em suspensão na água, fazendo aumentar a população de fungos e bactérias. Esses microorganismos consomem oxigênio e desprendem gás carbônico, que se dissolve na água. Para piorar, as altas temperaturas do verão fazem com que parte do oxigênio misturado à água volte para a atmosfera. O resultado é que milhares de peixes morrem asfixiados ou são capturados com mais facilidade, mesmo em grandes lagoas. Há notícias de áreas de mais de 100 quilômetros de alagamento cobertas de peixes mortos. Essa “poluição natural” da água afeta mais algumas espécies de peixes do que outras. O pintado e a arraia morrem imediatamente. Os dourados reagem correndo para os leitos dos rios assim que o teor da água começa a se alterar. Outras espécies, como os pacus e as piranhas, conseguem mudar rapidamente seu próprio metabolismo de modo a absorver melhor o pouco oxigênio da água.

Fenômenos como esse não significam que a fauna seja um brinquedo do clima. Pelo contrário, os mecanismos biológicos são regulados para funcionar da melhor maneira possível em cada situação. Aos primeiros sinais da seca, os curimatás — os peixes mais numerosos do Pantanal, que se alimentam de detritos e algas — saem dos campos alagados e se concentram no leito

Quem ganha e quem perde com a seca

Com a falta de chuvas, a água e a vida silvestre do Pantanal se concentram nas poucas lagoas que não secam na estiagem. Ali, forma-se uma cadeia biológica na qual algumas espécies se saem melhor que as outras. Veja alguns exemplos:



Tamanduá
Ganha duplamente. A seca aumenta a quantidade de formigueiros, seu principal alimento, e afasta as onças, seu maior predador



Lobos guarás



Lontras e ariranhas
Estes animais sofrem tremendamente com a falta d'água. Alguns ficam presos em lagoas secas e morrem enterrados na lama



Queixadas e caititus
Os porcos selvagens adoram uma seca. Têm grandes espaços livres para caçar e fugir rapidamente dos caçadores



Tatus
Vivem de cavar buracos e são os grandes beneficiários da seca. Embaixo da terra conseguem sobreviver comendo raízes e frutos armazenados por eles



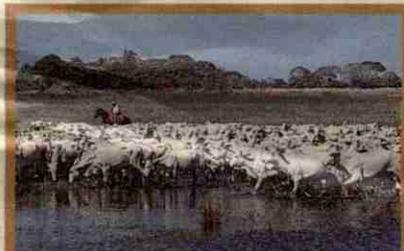


Ágeis em campo aberto, conseguem comida fácil atacando os pequenos roedores nas moitas de capim seco

FOTOS: MARCELO PALLO JR.



Com abundância de alimentos à disposição, se reproduzem em grandes quantidades. Os ninhais, sobre as lagoas, estão repletos de filhotes



O rebanho pantaneiro, estimado em 4 milhões de cabeças, tem alimento abundante nas antigas áreas alagadas, muito férteis no período-da-seca



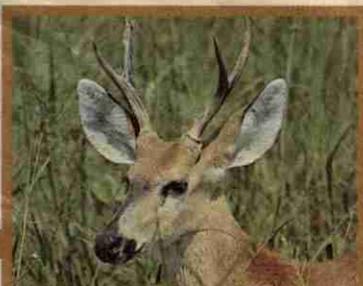
Pássaros



Gado



Cervo do pantanal



Habitado a viver com meio corpo dentro da água (tem as pernas pretas para enganar as piranhas), é um dos mais prejudicados pela seca



Peixes

Aprisionada nas lagoas, a forma de vida mais abundante do Pantanal torna-se presa fácil e serve de comida a grande variedade de animais



Veado-campeiro

Adora a seca. Seu alimento favorito são os campos de rebrota, comuns nas ex-lagoas que secaram, onde o capim começa a nascer



Onça-pintada



Jacaré



Capivara

A. CAIRES/NORTON



Sem alimentos nas matas, este animal é obrigado a procurar comida nos campos abertos e fica mais vulnerável ao seu principal predador, o homem

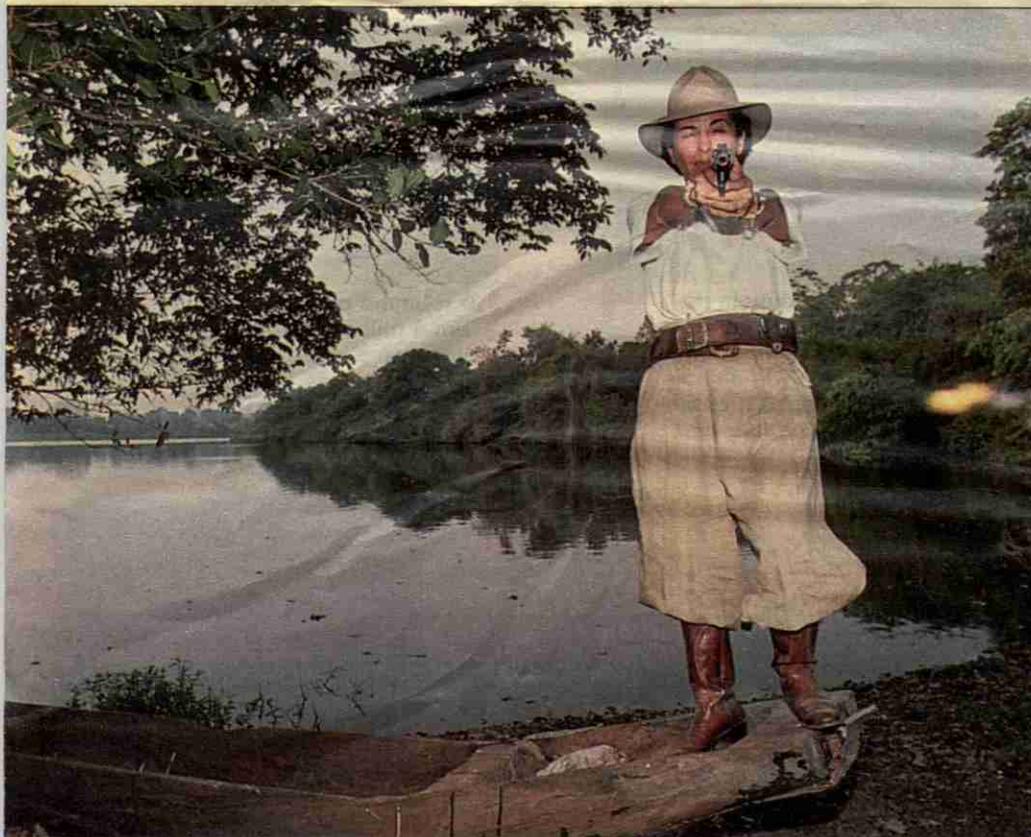


Em situações extremas se enterra no barro e reduz o metabolismo, numa espécie de hibernação, até que a chuva volte. Se o barro secar demais, morre esturricado



ANTONIO MILENA

O mamífero que mais se reproduz no Pantanal torna-se presa fácil de onças, sucuris e jacarés na seca, porque não tem água para fugir dos predadores



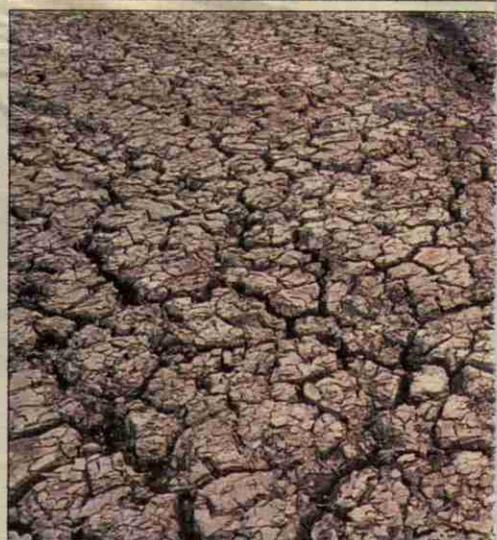
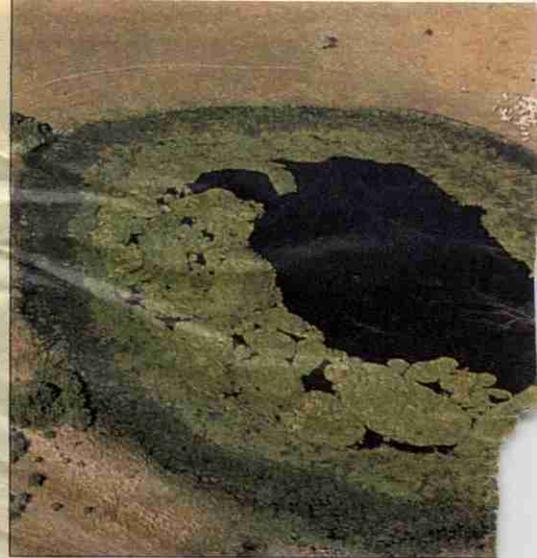
Beatriz, fazendeira e sobrinha-neta do marechal Rondon: "A pecuária tem limites"

dos rios, antes que tudo seque. Os retardatários, presos nas lagoas secas, transformam-se em pasto de garças e jaburus, que estão cuidando de seus ninhos. A maioria deles, porém, chega aos rios e nada contra a correnteza, rumo às nascentes, para o ritual da desova. "É possível ver engarrafamentos de peixes com dezenas de quilômetros, ocupando toda a calha do Rio Paraguai e dos afluentes", conta o biólogo Agostinho Catella. Famintos, seguem atrás deles os predadores: pintados, jaús, cacharas, barbados e dourados, que também estão em época de desova. Na retaguarda, vão os jacarés. No final de janeiro começa a estação das cheias, que espalha os ovos e alevinos pelo resto do Pantanal, em direção ao sul e ao leste. Os peixes-pastadores iniciarão sua jornada rio abaixo, para se alimentar dos detritos e algas gerados nas áreas alagadas.

"SISTEMA PECULIAR" — Preparada para enfrentar condições inóspitas, a vida no Pantanal surge em lugares onde isso pareceria impossível. O biólogo Guilherme Mourão fez uma tese de mestrado sobre as salinas, lagoas de água salgada sem interligação com os rios. Descobriu que elas podem secar totalmente durante o verão sem que isso cause problemas, porque à primeira chuva se regeneram por completo. "É um sistema muito peculiar", explica

ele. A cadeia alimentar começa com pequenas algas, as cianofíceas, que se multiplicam alucinadamente até transformar a água numa densa sopa azul. Essas algas alimentam outro microorganismo primitivo, que, por sua vez, é devorado por um microcrustáceo. Ambos são atacados por baratas-d'água, que servem de comida para pequenas rãs e um tipo de pássaro. Para o olhar leigo, não acostumado a observar esses detalhes, as salinas são ambientes estéreis, onde não se procria. Em vez disso, é um rico e bem equilibrado criadouro natural, onde a vida se manifesta das formas mais surpreendentes e inesperadas.

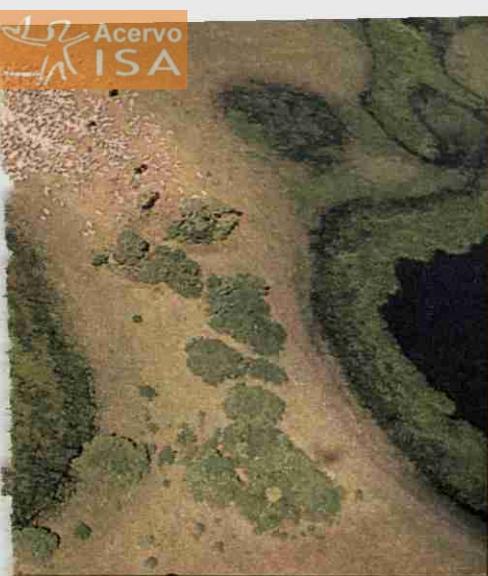
O que garantiu até hoje a preservação do Pantanal foi seu clima pouco hospitaleiro. A fauna nativa está adaptada a ele, mas o homem e os animais domésticos sofrem com as intempéries. As cheias são catastróficas para o gado. Em uma delas, a de 1974, morreram cerca de 800 000 bovinos. "A pecuária aqui é uma atividade com limites econômicos muito claros", explica Beatriz Rondon, da Sodepan. "Minha fazenda tem 35 000 hectares, mas apenas 12 000 não se alagam em época de cheia. Por isso, só posso ter 5 000 reses." Os criadores de gado torcem pela seca prolongada. O rebanho do Pantanal, estimado em 4 milhões de cabeças, já chegou a 6 milhões durante a grande estiagem dos anos 60. Os ambientalistas torcem o nariz,



Rebanho de bois ao lado do lago (no alto)...

porque a boiada disputa pasto com animais ameaçados de extinção, como o veado-campeiro. Mas o perigo não parece ser tão grande assim. "Quando existe alimento suficiente para todos, não há risco", observa Júlio Dalponte, zoólogo de Cuiabá especializado em grandes mamíferos pantaneiros. "O problema é quando os veados ficam confinados em espaço pequeno, junto com a boiada, e perdem a briga pela alimentação."

MASSACRE DE JACARÉS — Os jacarés, que podem caminhar até 10 quilômetros em busca de água ou se enterrar na lama para agüentar a estiagem, já enfrentaram uma ameaça bem pior que a seca. Durante a década de 80, eles foram massacrados por caçadores que vendiam cada peça de couro a 40 dólares para traficantes internacionais. Estima-se que, nessa época, foram caçados até 800 000 jacarés por ano, numa população estimada em 10 milhões de animais. A caça diminuiu por conta do lobby dos fazendeiros — que, vendendo suas terras constantemente invadidas, se cotizaram para dar equipamento para a polícia — e,



HAROLDO DALO JR.



FOTOS: ANTONIO MILENA

...e jacaré estorricado pela seca

principalmente, pela pressão dos ecologistas do Primeiro Mundo.

Entre todas as espécies, a mais beneficiada pela seca no Pantanal é a dos turistas. "A concentração de mamíferos, aves e peixes nas lagoas produz cenas deslumbrantes", explica Dalponte. "Os turistas adoram." Concorde com ele o francês Jacques Sarrazin, diretor de informática do Banco Francês e Brasileiro. Na última semana de setembro, ele, a mulher e as duas filhas passavam as férias andando de barco pelo Refúgio Caiman. "Não imaginei que fosse possível ver tantos bichos", disse. O Refúgio Caiman é uma pousada ecológica, um dos habitats que mais se multiplicaram nos últimos anos no Pantanal. O responsável pelo refúgio é o empresário Roberto Klabin, um dos herdeiros de um império na área de papel e celulose. Klabin é também presidente da Fundação SOS Mata Atlântica. Na década de 50, quando aquilo era uma fazenda como as outras, o local era frequentado por um jovem político, Jânio Quadros, que tinha como diversão dar tiros nos porcos-do-mato. Hoje, caçar



O empresário Klabin: reserva ecológica onde Jânio matava porcos-do-mato

animais silvestres tornou-se um esporte politicamente incorreto, mas Klabin percebeu que a bicharada poderia atrair visitantes, mesmo que fosse apenas para o safári visual. Há sete anos, abriu a pousada, que, mesmo sem fazer propaganda, vive apinhada de visitantes, 85% deles estrangeiros loucos por ver um jacaré. Dos 53 000 hectares do Refúgio, 7 000 formam uma reserva biológica particular, registrada no Ibama. "O turismo ecológico é uma grande idéia para investir no Pantanal sem destruí-lo com plantações de soja", acha Klabin.

FAZENDAS DE CAÇA — Outra atração turística são as fazendas de caça. Novidade recente no Pantanal, elas atraem centenas de visitantes do Primeiro Mundo. Uma delas, o Safári Varjão, pertence ao fazendeiro Trajano Silva, de Dourados. É uma pousada onde os hóspedes podem caçar cervos africanos e antílopes, pagando taxas entre 1 000 e 2 000 dólares por cabeça de animal abatido. A caça desses animais, criados em cativeiro, é permitida no Brasil porque eles não pertencem à fauna nativa. Desde que a Rede Manchete levou ao ar sua famosa novela, o Pantanal tornou-se um destino turístico concorrido. Em 1992 desembarcaram em Corumbá 26 892 turistas estrangeiros, transformando a cidade no sétimo principal portão de

entrada do país. "O ecoturismo é uma tendência muito forte, e seu melhor período é exatamente em julho, o que coincide com as férias de verão na Europa", explica Telma Vieira Cunha, diretora de turismo da Companhia de Desenvolvimento de Mato Grosso do Sul.

Na semana passada, depois de três meses de seca que produziram grandes focos de incêndio nas florestas e ameaça de racionamento de água, a chuva começa a voltar às regiões Sudeste e Centro-Oeste do país. No Pantanal choveu em algumas áreas isoladas na segunda-feira, mas em quantidades pequenas para pôr fim à estiagem. Ainda assim, não há motivos sérios para temer pelos animais da região. Cheia e estiagem existem há milhares de anos, e o ecossistema se adaptou a isso. Até hoje, a única verdadeira ameaça à fauna e à flora do Pantanal continua sendo a presença do homem, que, com seus aviões, espingardas e barcos a motor, é a espécie mais exótica de todas que habitam a região. Uma pesquisa recente da Embrapa apontou em peixes como o pintado índices de contaminação por mercúrio 24 vezes superiores ao limite máximo permitido pela Organização Mundial de Saúde, efeito dos garimpos de Mato Grosso. Essa ameaça é real, e não há previsão meteorológica que possa afastá-la. ■